

SEGUNDO CADERNO

SEGUNDA-FEIRA 26.6.2017
oglobo.com.br

Mesmo em crise, Teatro Municipal terá programação gratuita em seu aniversário

Gente Boa pág. 2
CLÉO GUIMARÃES



NETFLIX
FILME 'OKJA'
DENUNCIA
CRUELDADE
CONTRA
ANIMAIS

pág.8



NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Aparelhos de TV de tubo, antigos monitores, rádios de várias épocas, velhas caixas de som. Equipamentos condenados à obsolescência que, pelas mãos de Nam June Paik (1932-2006), tornaram-se atemporais como obras de arte. Considerado um dos pais da videoarte, o sul-coreano tem 15 de suas obras reunidas na retrospectiva inaugurada hoje no Oi Futuro do Flamengo, que segue em cartaz até 27 de agosto. Em obras como "Sfera/Punto eletrônico", "Violoncello" e "Ecce homo", presentes à mostra, Paik integrou uma série de linguagens artísticas, fazendo da tecnologia um meio de expressão. A exposição aborda os últimos 20 anos da produção e inclui trabalhos criados por Paik entre o final dos anos 1980 e o início dos 1990.

— É um período muito interessante, quando ele começa a construir os robôs, utilizando monitores de TV, rádios e outros equipamentos. É fundamental mostrar os trabalhos em vídeo junto às esculturas e pinturas para se entender a extensão da sua obra — observa o curador italiano Marco Pierini, que destaca o caráter multidisciplinar do artista sul-coreano. — Paik não era fundamentalmente ligado à tecnologia, ele via a TV como uma tela e pensava o seu trabalho como o de um pintor tradicional. Era um artista complexo, levava ao vídeo seu talento como músico, pintor e performer. E adorava as possibilidades de fazer experiências que os meios eletrônicos traziam.

INFLUÊNCIA NO BRASIL

Integrante do Grupo Fluxus na década de 1960, Paik manteve um intercâmbio criativo com artistas de múltiplas áreas, como os compositores Karlheinz Stockhausen e John Cage, os artistas conceituais Joseph Beuys e Wolf Vostell, a violoncelista Charlotte Moorman e a performer Laurie Anderson, entre outros. Em muitos desses trabalhos, Paik usava o vídeo como meio, trazendo para sua arte inovações tecnológicas do período, como a Sony Portapak, primeira câmera de vídeo portátil do mercado, lançada em 1965.

A popularização da linguagem influenciou, ainda nos anos 60, a primeira geração de videoartistas no Brasil, formada por nomes como Anna Bella Geiger, Sônia Andrade, Ivens Machado (1942-2015), Fernando Cocchiarella e Leticia Parente (1930-1991). Filho de Leticia, André Parente também pesquisa e desenvolve um trabalho multiplataforma, que inclui obras em vídeo. Ele lembra que trabalhos audiovisuais emblemáticos da mãe — como "Marca registrada" (1975), que mostra a artista bordando "Made in Brazil" na planta do pé — transitavam entre a performance e a videoarte.

— Discute-se sobre obras como as da minha mãe, da Sônia Andrade ou do Ivens Machado, se elas devem ser consideradas videoarte ou registros de performance. Para mim é videoarte,

porque a performance exige uma tensão com o público. No caso da minha mãe, havia um conceito por trás dos vídeos para que esta tensão se estabelecesse de outra forma — defende André, que vê uma tradição nacional no formato. — A produção brasileira de arte em vídeo é gigantesca, fica próxima da dos Estados Unidos. Hoje artistas de praticamente todos os formatos produzem vídeo, é uma linguagem muito integrada.

Para André Parente, desde a época de sua mãe houve uma grande valorização da videoarte, criando um mercado em expansão para comercialização das obras em diferentes formas, como a venda de vídeos certificados pelo autor ou a exibição autorizada de videoperformances:

— No Brasil, este meio demorou para ser reconhecido, mas de alguns anos pra cá já foi completamente absorvido pelo mercado, pelas galerias.

Muitos colecionadores estão adquirindo vídeos pela linguagem e também por conta do espaço, a armazenagem é mais simples.

Um indicio da valorização do meio é a inclusão, na Art Rio 2017, do programa Mira, dedicado à videoarte. Vídeos criados por artistas brasileiros e estrangeiros serão projetados nas estruturas da maior feira de arte da América Latina, que neste ano será realizada pela primeira vez na Marina da Glória, entre os dias 14 e 17 de setembro.

MULTIPLICIDADE DE PROCESSOS

— Estive em Veneza e em Basel, e é impressionante como esta mídia está presente, a variedade dos trabalhos exibidos. A proposta de criar um programa exclusivo é para destacar uma forma de arte à qual o público nem sempre tem acesso, mas que integra um mercado que tende a crescer cada vez mais — prevê Brenda Valansi, diretora e idealizadora da Art Rio. — O que tenho visto de videoarte no Brasil não fica a dever nada ao que é feito lá fora. Uma característica da geração atual é a multiplicidade de processos, mesmo quem não trabalha só com vídeo o incorpora em seu processo criativo.

Exemplo deste intercâmbio de linguagens, a carioca Alice Miceli transita entre o vídeo e a fotografia de acordo com as particularidades de cada trabalho. Vencedora do Prêmio Pipa em 2014, Alice atualmente desenvolve um trabalho fotográfico em campos minados em países como Camboja, Colômbia e Angola.

— A natureza de cada projeto define o suporte. Em 2005, realizei o "88 de 14.000", feito a partir de fotos de pessoas executadas pelo Khmer Vermelho no Camboja. Fotografei as imagens existentes, mas neste caso a duração de cada foto passou a ser o elemento chave da obra. Por isso, o trabalho é um vídeo feito a partir da projeção das fotos de identificação, o tempo da passagem das imagens se relaciona com o contexto em que as fotografias foram feitas — explica Alice. — Cada obra tem sua especificidade, eu navego entre elementos artísticos que estão próximos.

Marco Pierini acredita que a geração de hoje se aproxima da visão plural que Nam June Paik tinha do uso do vídeo em sua arte, cruzando-o com outras formas de expressão.

— A videoarte tem grande futuro, vejo ótimos trabalhos de artistas contemporâneos. Ao contrário das gerações de 1970 e 1980, eles não se dedicam apenas ao vídeo, o usam como um recurso para os trabalhos que desenvolvem, numa abordagem muito semelhante à de Paik — comenta o curador, para quem a marca que o sul-coreano deixou em meios como a TV e a internet é resultado de sua própria ligação com a cultura pop. — Paik foi um dos únicos artistas do Fluxus que estava realmente interessado em elementos de comunicação de massa. Ele inspirou a TV, mas também foi inspirado por ela. Mesmo com uma produção altamente experimental, ele jamais deixou de olhar para a música pop, o cinema, a TV. ●



Pioneirismo.

A obra "Sfera/Punto eletrônico" durante a montagem da mostra de Nam June Paik no Oi Futuro

Multivisão

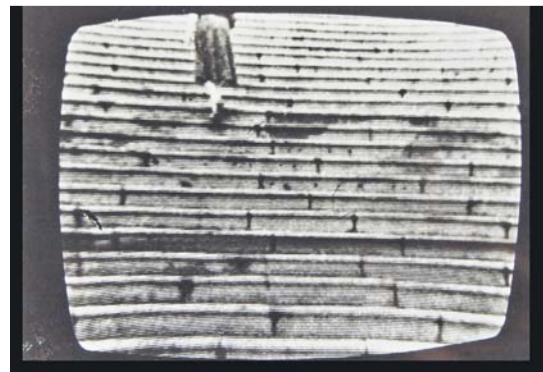
Oi Futuro abre exposição com 15 obras de Nam June Paik, pioneiro da videoarte, segmento com mercado em expansão e com programa exclusivo na Art Rio



VIDEOARTE EM TRANSFORMAÇÃO

Veja obras de Nam June Paik e de brasileiros em oglobo.com.br/cultura

FOTOS DE REPRODUÇÃO



Influência de Paik nos brasileiros. Da esq. para a dir., as obras "88 de 14 mil", de Alice Miceli; "Marca registrada", de Leticia Parente; "Passagens I", de Anna Bella Geiger; e "Velo", de André Parente: relação com outras expressões artísticas